

## NOTA DE ABERTURA

Neste Outono do ano de 20-21 em que se retomam as atividades letivas nos vários graus de ensino, do Básico ao Universitário em condições inusitadas, trazemos aos leitores o nº 65 do *Boletim de Estudos Clássicos*.

Esta edição já aparece, pois, condicionada pelo contexto de profunda alteração das nossas vidas em geral e dos pressupostos em que decorrem as atividades de investigação e docência, em particular. Saber se as alterações introduzidas são instrumentais e temporárias, ou significam uma transformação permanente, é uma pergunta difícil de responder por já e, porventura, daqui a um ano já as reflexões a serem conduzidas serão outras, e mais maduras. Não é este, pois, o momento de falar do condicionamento do ensino dos Estudos Clássicos pela Pandemia. De todo o modo, este número do *BEC* já partilha testemunhos acerca da capacidade de adaptação às contingências que a atividade escolar, artística e cultural soube incorporar.

Nesta edição salientam-se, com enorme gosto, as notícias de realização de eventos de promoção dos Estudos Clássicos, enquanto dinamizadores da cultura escolar, como vertentes relevantes da formação pedagógica, enquanto atividades de transferência do conhecimento académico para a sociedade e de disseminação do saber: Braga, Faro, Ponta Delgada. Espaços tão distantes dos centros universitários de investigação em Estudos Clássicos, Lisboa e Coimbra, dinamizam, com sucesso e acolhimento nas comunidades em que se inserem, o conhecimento e a difusão dos Estudos Clássicos enquanto área do saber relevante para a educação e a promoção dos valores humanísticos. Só podemos destacar e congratularmo-nos por esta resiliência!

Uma escola, o *Saint Peters School*, de Palmela, dentro da liberdade que o facto de se tratar de uma instituição privada lhe permite, inclui dentro do seu currículo os estudos clássicos nas suas múltiplas vertentes de

língua, cultura e literatura. A abertura de um departamento consignado aos Estudos Clássicos nesta escola dá conta de uma decisão estratégica no projeto educativo desta escola, a de manter e valorizar a área disciplinar dos Estudos Clássicos.

Timidamente, vamos testemunhando os passos de retorno do ensino dos Estudos Clássicos às escolas nacionais: a Introdução à Cultura e Línguas Clássicas como oferta de escola para o 2º e 3º ciclo consolida-se; à região centro do país regressou o ensino do Latim no Secundário: a escola Secundária D. Dinis, de Coimbra, o agrupamento de escolas de Soure e o agrupamento de Escolas Águeda Sul abriram turmas de Latim, graças ao esforço dos colegas professores de Latim e Grego que aí trabalham. E se destacamos a região centro, é porque esta era a única em que, efetivamente, se extinguiu, durante anos, a docência do Latim. O Sul, Lisboa e Vale do Tejo e Norte sempre mantiveram algumas escolas com essa oferta.

8

São luzeiros numa noite que tarda em prolongar-se: no ensino público, não superior e superior, assiste-se a uma erosão dos números de professores de Estudos Clássicos – Porque não se formam, porque, uma vez formados, as suas competências específicas não são requeridas por uma escola tecnocrática e empobrecida de massa crítica, porque a sociedade que nos rodeia reclama da escola e dos estudantes escolhas disciplinares que lhes garantam uma boa média, com o menor esforço possível e uma entrada no Ensino Superior para os cursos de “elevada empregabilidade”.

Assim, os Estudos Clássicos partilham com muitas outras aprendizagens um contexto hostil que tira de cena os saberes que não são redimíveis à sua imediata utilidade, aqueles que garantem uma força de trabalho produtiva, disciplinada, pouco questionadora, generalista e polivalente.

A erosão do ensino dos Estudos Clássicos em contexto formal – o das escolas e universidades públicas – acompanha, com perigosa cumplicidade, os objetivos traçados por tantos decisores políticos da educação,

por esse mundo fora, que pedem mão de obra facilmente moldável, satisfeita mas desgastada pela sua polivalência: produtiva, mas amorfa e inconsciente da sua perda de liberdade e perda da dignidade da sua condição profissional.

E por isso, as nossas últimas palavras são para homenagear os que resistem ao silenciamento: os professores, uns menos jovens, outros mais jovens, que dão sinais de resiliência e conseguem, mau grado os enormes condicionalismos burocráticos para ensinar estudos clássicos, o fazem por brio, por paixão, por sentido de missão, quando,...e não podemos deixar de o dizer! Ganhavam o mesmo, tinham mais tempo livre, não se aborreciam com os seus superiores hierárquicos, gozavam uma vida mais tranquila, se escolhessem o caminho mais fácil.

Neste Boletim, estão aí os nomes e os exemplos dos que não seguiram este caminho. Que sejam o sal da terra, e que não se cansem de ter razão!

Paula Barata Dias

